



**FERNANDA APARECIDA RIBEIRO LEAL ARANTES  
SILVANA APARECIDA DA SILVA**

**O DISCURSO E O SILÊNCIO NA CONSTRUÇÃO DE  
SENTIDO DAS CHARGES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

**LAVRAS - MG  
2021**

**FERNANDA APARECIDA RIBEIRO LEAL ARANTES**

**SILVANA APARECIDA DA SILVA**

**O DISCURSO E O SILÊNCIO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DAS CHARGES:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras como parte das exigências do  
Curso de Letras, para a obtenção do título  
de Licenciatura.

Prof. Dr. Júlio César Machado

Orientador

**LAVRAS - MG  
2021**

**FERNANDA APARECIDA RIBEIRO LEAL ARANTES  
SILVANA APARECIDA DA SILVA**

**O DISCURSO E O SILÊNCIO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DAS  
CHARGES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

**DISCOURSE AND SILENCE IN THE CONSTRUCTION OF CHARGES  
SENSE: A DISCURSIVE ANALYSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal  
de Lavras como parte das  
exigências do Curso de Letras, para  
a obtenção do título de Licenciatura.

APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Dr.(a)

Dr.(a)

Dr.(a)

Prof. Dr. Júlio César Machado  
Orientador

**LAVRAS - MG  
2021**

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é refletir a construção dos sentidos em charges específicas, que se dão principalmente pelo silêncio que as constituem. As ciências da linguagem desenvolveram o refinamento teórico de perscrutar o silêncio nas suas significações. Possibilitou-se criar mecanismos a fim de compreender todo contexto próprio do gênero charge. O silêncio sempre foi traduzido como o indizível, associado à imobilidade. Mas o silenciar vai além do que pode significar, pode traduzir a dimensão de um contexto histórico e também traduzir o silêncio como o local onde os sentidos se realizam externamente à palavra, mas que se encontram na imaginação do ser humano, sendo um dizer que produz sentido nas pausas, lapsos e reticências. Objetiva-se aqui, discutir sobre o silêncio, o dito e o não dito (implícito) no discurso, tomando como objeto de análise o gênero textual charge. Essa opção se deve ao fato de ser um gênero textual discursivo que possui muitos recursos expressivos que integram sua construção. Nesta pesquisa, duas charges serão analisadas. A primeira, intitulada “Educação em tempos de pandemia: ataques e resistência” é interessante porque seus sentidos se constroem por meio dos diálogos, da fala da docente que mesmo carregada de silêncio, ironia e implícitos, produz um sentido de humor, e a segunda, intitulada “Ensino a distância”, tem seu efeito de sentido construído principalmente nos pressupostos da relação do verbal com o imagético e também por possuir uma forte carga ideológica.

**Palavras-chave:** Charges. Silêncio. Discurso. Formação discursiva. Implícito.

## ABSTRACT

The aim of the present work is to reflect the construction of the senses in specific cartoons, which are mainly due to the silence that constitutes them. The sciences of language have developed the theoretical refinement of peering into silence in its meanings. It was possible to create mechanisms in order to understand the entire context of the charge genre. Silence has always been translated as the unspeakable, associated with immobility. But silencing goes beyond what it can mean, it can translate the dimension of a historical context and also translate silence as the place where the senses take place outside the word, but which are found in the imagination of the human being, being a saying that produces pauses, lapses and reticence. The objective here is to discuss the silence, the said and the unspoken (implicit) in the discourse, taking the textual genre charge as the object of analysis. This option is due to the fact that it is a discursive textual genre that has many expressive resources that integrate its construction. In this research, two cartoons will be analyzed. The first, entitled "Education in times of pandemic: attacks and resistance" is interesting because its senses are built through dialogues, the teacher's speech that, even full of silence, irony and implicit, produces a sense of humor, and the second, entitled "Distance learning", has its effect of meaning built mainly on the assumptions of the relationship between verbal and imagery and also because it has a strong ideological charge.

**Keywords:** Cartoons. Silence. Speech. Discursive Formation. Implicit.

## **Introdução**

Ao se analisar o silêncio como forma de reflexão e diferenciar o que se pode dizer e o que não, em certos contextos, torna-se necessário, enquanto analista, perceber os efeitos do dizer e não dizer. Observa-se o quão complexo é o silêncio em suas variações e seus diferentes formatos.

Utilizando-se deste conceito, o estudo das charges se faz necessário devido às diferentes variáveis implícitas nas mesmas, tornando imprescindível uma análise bastante detalhada dos discursos nelas contidos, com a finalidade de apurar respostas coerentes e diferenciadas dos discursos feitos sobre as charges.

O principal objetivo deste artigo é apresentar os sentidos, no modo de silêncio, contido nas charges, analisando-as à luz da Análise do Discurso, explorando as diferentes formas de silêncio.

Através dessas abordagens sobre o assunto, possibilita-se ao analista compreender os efeitos de sentido das charges, podendo então, operar interpretações à luz do arcabouço teórico, que recorte o silêncio e seus contextos, através de discursos verbais e não verbais, implícitos nas charges.

Utilizando-se de uma metodologia baseada em uma revisão literária de cunho qualitativo, com os estudos embasados na literatura relacionada ao assunto, apresentaremos o tema, almejando apresentar a importância da interpretação do silêncio nas charges, vislumbrando a produção dos efeitos nas charges escolhidas.

Não pretendemos, por meio desse trabalho, pensar o silêncio enquanto imagens, enquanto morte, ou enquanto mera ausência de sons, mas de uma espessura significativa sem forma, que participa do discurso, que expressa em si mesmo, além de princípios políticos e históricos nele incluídos.

## **Referencial teórico**

### **Análise do discurso**

A Análise do Discurso (doravante AD), grosso modo, é uma ciência da linguagem que estuda a produção de sentido que ocorre na relação entre

língua, sujeito e história. E como seu próprio nome já indica, um dos seus principais objetivos é compreender os processos de significação dos discursos. De acordo com Orlandi (2020), ela

não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI 2020, p. 13)

Discurso é a atividade comunicativa, são os princípios, valores e significações (efeitos de sentido) que estão no texto, então texto e discurso não são a mesma coisa, como muitos pensam. Como nosso trabalho é sobre charges, vamos citá-la como exemplo: o chargista utiliza a charge para enunciar seu discurso, seja para criticar o governo, a corrupção, o descaso com a educação, o meio ambiente. E ao enunciar, pode-se produzir efeitos que coincidem ou não com estes temas.

A AD deve muito aos primeiros estudiosos que se dedicaram a estudar o fenômeno do discurso, como Bakhtin, porém a discussão sobre o conceito de discurso foi bastante problematizada e então vários estudiosos se dedicaram a estudar o discurso. Podemos dizer também que o discurso é um efeito de sentido entre interlocutores, isto é, o sentido que produz-se ao lermos um texto, ou seja, entre sujeitos que se comunicam. Dessa forma dizemos que o discurso é um dos níveis de um texto, aliás, ele é o espaço onde podemos reconhecer as relações entre o texto e o contexto que o produziu.

Segundo Orlandi (2020, p. 17), foi nos anos 60 que a AD se instituiu como a associação de três disciplinas: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo. Orlandi ainda salienta que:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORLANDI, 2020, p. 17)

O Marxismo trouxe contribuições para a AD, pois foi por meio dele que Michel Pêcheux extraiu e reinterpretou conceitos como ideologia e assujeitamento, refletindo também sobre o conceito de discurso, “não como um “substituto” da ideologia, tampouco como um conceito que permite “contorná-la”, mas como algo atravessado por ela”. (CESÁRIO E ALMEIDA, 2010, p. 1)

Em algumas correntes da Linguística, a língua é trabalhada de maneira fechada em si própria, já na AD, a língua é trabalhada com o discurso, considerando a forma como a linguagem está concretizada na ideologia e como esta se revela na língua.

A AD francesa defende que os discursos são constituídos por ideologias dominantes, por isso se alia à história no intuito de fazer uma contextualização. Um dos grandes nomes da AD francesa é Michel Pêcheux, pois seus estudos foram de grande valia para o desenvolvimento desta vertente nas Ciências da Linguagem. O filósofo francês se empenhou bastante em estudar o discurso, pois declarava que a palavra discurso necessitava romper com o traço puramente político que condenaram a ela.

Assim, a AD mostra as relações entre história, linguagem e sociedade, e faz isto ao refletir os efeitos de sentido produzidos pela linguagem em movimento. No entanto, muitos desses sentidos não estão no que é dito, mas também no que não é dito, que é o que analisaremos no corpus de nosso trabalho.

### **O conceito de sujeito na análise do discurso**

É a partir do conceito de sujeito que trabalharemos tanto com a interpretação do discurso quanto com a discussão sobre o contexto em que essa interpretação se realiza. Conceituar sujeito dentro da AD não é uma tarefa simples, pois ela não foi construída como uma teoria, então até que adquirisse um corpo teórico mais sólido, ela apresentou três fases e em cada uma delas a noção de sujeito foi sendo reformulada, mas sempre essencial. Conforme Ferreira (2000, p. 21),



resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única de sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. Ele estabelece uma relação ativa no interior de uma formação discursiva, assim como é determinado ele também a afeta e determina em suas práticas discursivas. (FERREIRA, 2000, p. 21)

O sujeito na AD participa de uma técnica de significação que o compõe e o define em suas relações com as situações em que o discurso é produzido. Orlandi, em sua obra “Análise de discurso: princípios e procedimentos” (2020, p. 46), reitera que o sujeito é simultaneamente *sujeito de* (como livre e responsável) e *sujeito a* (reflete a submissão, o assujeitamento desse sujeito à ideologia que exclui a materialidade do sentido e do sujeito). Essa autora que possui uma concepção pecheutiana, sempre relaciona o sujeito com a ideologia. Orlandi afirma (2020, p. 44) que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Em conformidade com a afirmação de Orlandi, percebemos que o sujeito da AD é tomado não como indivíduo, mas como uma posição no discurso. Se formos tomar uma pessoa como um sujeito, ela irá se constituir como tal através da ideologia e por meio dela, o sujeito marca um posicionamento, indica sua inscrição em uma formação discursiva, discursivizando todo seu dizer e sua comunicação. O discurso vai além da comunicação e com isso é possível que um sujeito em um mesmo discurso se inscreva em diversas posições, como poderemos ver na análise do nosso corpus mais adiante, ou seja, o sujeito assume várias posições porque é tomado pela ideologia sendo ela que determina quem é sujeito nos discursos, sendo assim, uma pessoa se torna sujeito somente após ser tomado, interpelado pela ideologia.

De acordo com a Análise do Discurso francesa, o sujeito é sempre incompleto, polifônico, visto que se constitui de várias vozes sociais, sendo também inconsciente, em face da relação da AD com o inconsciente, com a Psicanálise. Esse campo clínico que investiga a psique humana afirma que o sujeito é dividido em consciente e inconsciente, ou seja, aquilo que o sujeito diz não é determinado unicamente por sua vontade e racionalidade, mas também por essa parte dele mesmo que ele não possui controle, que é o inconsciente.

Dizemos também que é o sujeito é plural, mas nunca dono e completo de si, não apresentando nem uma liberdade nem uma submissão total. Entender o conceito de sujeito na Análise do Discurso é primordial para a realização de uma análise eficiente, uma vez que na AD o sujeito não é somente aquele que realiza a enunciação, que pronuncia a palavra, mas aquele que atua na prática discursiva, que é a constituição dos sentidos. Na AD então, o sujeito é o vértice que trabalhará a formação discursiva para que haja produção de sentido.

### **Silêncio, pressuposto e subentendido**

Algumas constitutividades estão implícitas no gênero textual das charges e trazem bastante conteúdo didático para interpretação e análise do discurso chargístico.

Embora não possamos ver o silêncio, temos somente as pistas e podemos ver indistintamente suas particularidades, mas podemos percebê-lo por seus efeitos de sentido, seus significados em todo e não importa qual discurso. O silêncio é o fôlego do significar e o dizer é o caminho por onde as palavras passam incessantemente, transformando o silêncio no sentido que penetra as palavras, atravessa o dizer, sensibilizando o sujeito do discurso.

Para termos uma noção da importância e dimensão do silêncio, tomemos como exemplo a célebre frase bíblica “No princípio era o verbo”, e por fazer parte de um livro sagrado, a ideologia cristã crê nessa literalidade, mas há outros sujeitos que crerão que, no princípio, não era o verbo, ele somente teve início depois do silêncio, para quebrá-lo.

De acordo com Santos e Beck:

O domínio significativo do silêncio constitui importante suplemento aos estudos do discurso (por que não dizer, da linguagem?), notadamente por permitir encarar a incompletude do linguístico, sua saturação, desde onde se abre um novo modo de olhar para as diferentes materialidades discursivas que se cruzam; circunscrever a censura constitutiva que atua na não-presença que garante todo dizer, bem como compreender melhor os efeitos da censura que arruína a cena do dizível em formulação, numa dada conjuntura sócio histórica. (SANTOS; BECK, 2019, p. 139).

Estar no silêncio também é uma maneira de estar no sentido, porque de certo modo, as palavras exalam silêncio, (ORLANDI, 2007, p.11). O silêncio é uma forma de expressar e também de comunicar, pois as pessoas se comunicam não somente com palavras, mas também dialogam com silêncios. O silêncio significa, fala, também é uma forma de linguagem. Entre uma palavra e outra, entre o espaço de uma pergunta e uma resposta, há o silêncio. Ele está presente também quando temos o cuidado de usar certas palavras para dizer e silenciemos as que não dizemos, o que concorda com o dizer de Eni Orlandi (2007, p. 14) “as palavras são cheias de sentidos a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas”. Sempre teve-se a ideia errônea de que no silêncio não há nada a dizer, somente há o que já se disse, o já dito, ele seria relegado somente o que não é preciso dizer ou ser dito, mas ele não é vazio, sem sentido, contrariamente, ele possui uma totalidade significativa, o que nos faz compreender o silêncio como horizonte e não como vazio.

A autora discorre que “silêncio faz parte da constituição do sujeito e do sentido” (2007, p. 87), ou seja, o sentido que se apresenta no silêncio se refere a um contexto, que altera de forma atual a história do sujeito, isso significa que o silêncio “permite a constituição da história do sujeito não apenas como reprodução, mas como transformação dos sentidos” (2007, p. 87). Em seus estudos sobre o silêncio, Orlandi (2020) disserta que ele possui 2 faces e que precisamos entendê-las para que o silêncio seja entendido em sua singularidade: a primeira face que ele possui é quando ele é um *silêncio imposto*, ou seja, é quando ele é posto como uma maneira de domínio, de autoridade, excluindo o sujeito e por consequência também sua voz e seu sentido. A segunda face do silêncio é quando ele é *proposto*, ou melhor dizendo, é quando o silêncio é identificado como uma maneira de o sujeito resistir, se defender ou até mesmo se proteger.

## **O discurso chargístico**

Os gêneros textuais surgiram da constante necessidade que o humano – um ser gregário – tem de se comunicar e interagir uns com os outros. Por esse viés, Marcuschi (2003, p. 20) afirma que:

os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2003, p. 20)

Intimamente ligados à história da linguagem e da comunicação, os gêneros textuais desempenham uma prática social nas relações comunicativas, ou seja, por meio dos gêneros textuais somos capazes de nos comunicar e também produzir efeitos de sentidos nos interlocutores. Ainda sobre os gêneros textuais, Marcuschi (2005, p.29) declara que em certas situações eles agem “como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual”.

Sobre o gênero textual charge, Ferraz disserta que:

[...] podemos resumir que a charge se caracteriza por ser um texto misto, em que se relacionam os aspectos verbais e os não verbais, cuja intenção é a crítica de cunho político/ e ou social. Os chargistas se utilizam de temas atuais, aproveitando-se de informações vinculadas por outros gêneros na mídia, o que faz da charge um texto com prazo de validade. [...] No entanto, alguns temas podem ser considerados atemporais, devido à recorrência com a qual são veiculados em nossa sociedade [...]. (FERRAZ, 2012, p. 111)

Na AD francesa, como preconiza Mussalim (2012), os textos não são tratados “como um conjunto de enunciados unificados por posições ideológicas não conflitantes” (MUSSALIM, 2012, p. 147), isto quer dizer que eles são heterogêneos. E em razão dessa heterogeneidade dialógica, essa necessidade de acionar a memória discursiva é que tornam as charges tão propícia para a realização de análises sob à luz da AD.

A charge é composta por uma linguagem que mescla a imagem (desenho) e palavras, de forma concomitante. Conforme Flôres (2002, p. 14.)

[...] é um texto usualmente publicado em jornais sendo, via de regra, constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizadores de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem escritos. Escrita e ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os dois códigos complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado -aquele e não outro qualquer. (FLÔRES, 2002, p.14)

Diante disso, vemos tanto a linguagem verbal quanto a imagem são produtoras de significados constituindo assim, um instrumento de comunicação e produção de sentidos, já que no discurso os sentidos são apresentados em diversas semioses, não somente no verbal e não verbal. Como discurso e ideologia estão intimamente ligados, ou seja, todo discurso é ideológico, comprovamos que o discurso chargístico revela tanto a ideologia do enunciador quanto o tempo reproduzido no discurso. Sobre o enunciador revelar sua ideologia por meio da charge, podemos comprovar com o dizer de Miguel Paiva (1991, p. 38):

O chargista se vê como uma espécie de justiceiro [...] faz parte do ego do humorista e do chargista essa vontade de consertar o mundo. É uma coisa meio moralista mesmo. É claro que há o lado bom de consertar o mundo, mesmo se exagerando um pouco, pois é o cara que está vendo alguma coisa e quer que os outros vejam. (PAIVA, 1991, p. 38)

Ao exercer a função enunciativa, o chargista coloca-se como esse portavoz, que por meio do humor e da ironia, acaba por superdimensionar os fatos políticos e possibilita um “efeito de verdade”, diferente daquele criado pela notícia, exatamente por lidar com elementos da ordem do inusitado e do exagero.

Assim, “podemos afirmar ainda que o chargista, por inscrever o fato da política em um objeto cultural de circulação social, o texto chárstico do jornal ou da internet, envolve-se em uma nítida relação de saber e poder” (BERTO, 2008, p. 36). A autora completa que, quando é dada publicidade a elementos específicos da vida política, por um ponto de vista, produz-se não somente um

“texto humorístico ou opinativo, mas um efetivo monumento, composto de camadas advindas dos saberes, da história e da memória de um determinado momento da vida social, que deixa o anonimato e ganha registro e visibilidade”.

A charge é elaborada entrecruzando com outros textos e discursos, em especial acontecimentos veiculados na TV, jornais e internet, tornando atual discursos que circulam no meio social, e quando a charge se apodera desses discursos que fazem parte do cotidiano da sociedade e os alteram e inovam com pitadas de humor, esse gênero discursivo simultaneamente tem aceitação popular e contagia com sua carga ideológica.

Ela pode ser vista como uma técnica discursiva presente no mundo das conexões entre o linguístico e o histórico-social. A AD francesa oferece muitos e importantes fundamentos que norteiam a leitura e interpretação das charges já que essa corrente de estudos se constitui entre língua/ sujeito/história/ ideologia, uma vez que as charges trazem consigo opiniões formadoras ou conformadoras de convicções públicas. O discurso da charge demanda um conhecimento atual para que seja estabelecida uma relação discursiva entre dialogadores, pois só dessa forma será provável que se compreenda as técnicas usadas pelos agentes sociais incluídos na condição de produção desse gênero textual.

O discurso chargístico é heterogeneamente discursivo, propiciando uma relação com a memória e a linguagem e implicando interpretar os fatos que estão associados com diferentes formações discursivas, em que os enunciados se cruzam, dialogam, para assim ocorrer a produção de sentido em que várias posições de sujeito conversam entre si, dando origem a um novo discurso inscrito tanto na ideologia quanto na sociedade e na história.

## **O silêncio: as duas propostas de Orlandi**

Orlandi (2007) classifica o silêncio em duas formas.

(1) Silêncio fundador ou fundante, é o que já está na cena do dizer, aquele que já está presente antes que se diga qualquer coisa. É uma forma de silêncio sem o qual nada significaria, ou seja, o silêncio na tradição da Linguística, pois várias Teorias da Linguística não aceitam o silêncio como

matéria que possui significado. O silêncio fundante apresenta caráter necessário e próprio, não dizemos que fundador ou fundante vem de “origem”, nem que ele mostra um sentido independente, mas que ele é fundador porque a relação que possuímos com o sentido é essencialmente uma relação com o silêncio e o silêncio visto dessa maneira é fundamental para a produção de sentido. Essa forma de silêncio tratada aqui não é apenas uma mera falta de sons ou palavras, mas sim do início de todo processo de significação. É o silêncio fundador que garante que os sentidos se movimentem.

(2) A Política do silêncio ou silenciamento (que possui duas formas de existência relacionadas: Silêncio Constitutivo e silêncio local). A autora discorre que o silêncio constitutivo é quando dizemos algo e não estamos dizendo algo que poderia ser dito, ou seja, silenciemos algo que poderíamos dizer. Às vezes temos consciência disso, às vezes não. No silêncio fundador quando enunciamos algo, “apagamos”, silenciemos outros sentidos com aquele dizer, ou seja, para dizer é preciso não dizer. É o silêncio que se encontra nas palavras, que expressa o não dito. Já o silêncio local é a interdição do dizer, é exatamente o que é a censura, provocando que o sentido seja enfraquecido.

A censura ocorre quando queremos dizer algo, mas não podemos porque há um poder de palavra, uma autoridade que impede nosso dizer, ou seja, o dizer é interdito. É chamada política do silêncio porque política quer dizer divisão, essa política significa divisão de sentidos e no caso da censura é a divisão do que podemos e do que não podemos dizer.

A censura trabalha junto com a opressão, ou seja, censuram-se certas palavras para que certos sentidos também sejam censurados e ela também interdita a inclusão do sujeito em formações discursivas estabelecidas.

## **Os pressupostos e os subentendidos de Ducrot**

Algo que é frequentemente problematizado nos discursos e que nos instigou a dissertar sobre foram os conceitos de pressuposto e subentendido que vamos abordá-los conforme Oswald Ducrot. A princípio, o linguista francês fez um estudo inicial sobre os dois conceitos diferenciando-os segundo as características semânticas de alguns enunciados e chegou à conclusão de que há dois tipos de implícitos: 1) aqueles que se originam no marco linguístico, ou

seja, são mais facilmente detectados no significado das frases, que são os pressupostos; 2) aqueles que se originam no ato enunciativo, chamados subentendidos.

Para diferenciar os dois conceitos Ducrot (1987) reitera que “a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário” (DUCROT 1987, p.41). Ainda na diferenciação dos dois conceitos, o autor disserta que:

Dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido se manifesta, o processo, ao término do qual se deve descobrir a imagem que pretendo dar de minha fala. (DUCROT, 1987, p.42)

O pressuposto, implícito que possui marca linguística, se refere ao que o linguista chama de sentido literal, ou seja, o pressuposto é evidenciado pelos significados das palavras ou frases, permitindo ao interlocutor compreender a significação implícita. O exemplo base pode ser “João parou de fumar”, onde põe-se que João parou de fumar, e pressupõe-se que João fumava antes.

Ele é indiscutível. Pressupor nos dá a ideia de prévia, isto é, o pressuposto vem antes de algo que está acontecendo, é uma espessura insistente da significação na linguagem. Ducrot (1987 p. 77) afirma que “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”, e com isso vemos que o pressuposto demanda o comando de dois personagens, ou seja, locutor (quem enuncia) e alocutário (a quem se destina a enunciação), pertencendo ao “nós”, e sendo considerado “subsídio” da enunciação.

Por exemplo, se alguém diz “Meu carro parou de dar defeitos”, fica pressuposto que antes meu carro dava defeitos, o que não ocorre agora, de modo que o pressuposto é essa significação implícita, e ele possui marcas linguísticas que facilitam discerni-los. Na frase de exemplo é o verbo parou. Algumas marcas linguísticas que facilitam a identificação do pressuposto são: 1) ver que mostram fim e continuação (começar, parar, continuar, prosseguir,



acabar...), 2) advérbios (finalmente, ainda, depois...), 3) Pronome *que* introdutivo de orações subordinadas adjetivas, 4) Locuções circunstanciais (depois que, antes que, desde que, visto que...), dentre outros.

Ducrot (1987, p.32) mostra “o subentendido caracterizado pelo fato de que, sendo observável em certos enunciados de uma frase, não está marcado na frase”, ou seja, são insinuações, significações escondidas atreladas à frase e que não é exposto diretamente. Ele é mais subjetivo, vai estar subjetivamente “escondido” naquela significação atrelada à frase. De acordo com Ducrot (1987) os subentendidos são efeitos de sentido secundários na enunciação, isto significa que são empregados indiretamente e cabe ao interlocutor “descobri-los”. Diferente do pressuposto, o subentendido não tem um marcador, isto é, marcas linguísticas que levem a percebê-lo, a dedução é feita de maneira subjetiva pelo interlocutor, pelo contexto da comunicação e também por sua memória discursiva. O subentendido sempre compreende uma opinião, um juízo de valor e ocasionalmente, até mesmo a desvirtuar a realidade.

Exemplificando o subentendido: suponhamos que alguém chame um amigo para ir ao cinema e ele responde: “Mas está chovendo”. Apesar de parecer uma resposta um tanto quanto incoerente, podemos deduzir que o amigo não quer ir ao cinema porque a chuva será um empecilho, ou seja, ele não disse que não quer ir, mas pelo seu dizer, inferimos que ele não quer ir em razão da chuva.

Ducrot (1987) ainda elucida que, o “[...] pressuposto é apresentado como pertencente ao “nós” [...], e o subentendido é repassado para o “tu” (DUCROT, 1987, p.20), ou seja, o pressuposto sendo pertencente ao “nós” pode ser entendido como algo que demande duas pessoas em um ato de comunicação, já o subentendido sendo pertencente ao “tu” que é significação para além do sentido da frase, em outras palavras, o subentendido é aquilo que podemos inferir, ou, melhor dizendo, é aquilo que fica incumbido ao interlocutor entender.

## **Metodologia/Materiais e métodos**

Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 83), a metodologia é o item considerado como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com

maior segurança e economia permite alcançar o objetivo”, determinando o caminho que iremos traçar para executarmos nosso artigo, dando veracidade, credibilidade e valor acadêmico ao que aqui registramos.

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Como confirma Severino (2007),

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p.122).

O trabalho em questão retrata uma pesquisa bibliográfica sobre os indicativos existentes nas charges. Nossos procedimentos constituem de gestos diversos sobre interpretação que valorize as noções técnicas de silêncio, pressuposto, subentendido, e sujeito, dentre outros.

Através da análise de duas charges em específico, observar-se-á todos em grande parte tais elementos que compõem esse gênero textual, que tem uma importância muito relevante na língua portuguesa.

O processo analítico aborda, para além das composições do gênero, as espessuras da produção dos sentidos. Ele contempla a importância de uma interpretação da charge para além da superfície imagética ou verbal, detectando elementos e significados visíveis por olhares críticos mais refinados.

Nosso estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva em que seguimos as seguintes etapas: 1) realizamos uma *pesquisa bibliográfica* e selecionamos todo o material teórico para delimitar e fundamentar nosso trabalho; 2) *seleção e escolhas de charges* veiculadas na internet que servissem de base e obedecessem ao tema escolhido para nosso trabalho. Essas charges deveriam possuir uma forte carga ideológica em seu discurso, além de podermos detectar nelas os principais conceitos abordados nesse trabalho, como silêncio, pressuposto e subentendido; 3) realização da *leitura exploratória*, em que escolhemos entre os autores de AD textos sobre o tema de nosso trabalho; 4) nessa etapa fizemos uma *leitura seletiva*, ou seja,

foi a etapa em que fizemos uma seleção entre todo o material encontrado o que realmente seria útil e usado para fundamentar o artigo. 5) Uma *leitura analítica* foi essencial nessa etapa, pois foi onde sintetizamos todas as referências e conhecimentos que obtivemos com as fontes encontradas e, por meio dessas informações, investigamos no *corpus* e o “encaixando” nos conceitos abordados como silêncio, pressuposto e subentendido. 6) Por fim, realizamos uma *leitura interpretativa* que foi a etapa em que estabelecemos relação com a visão de cada autor com as charges as quais estávamos analisando.

Identificamos os interdiscursos abordados (e silenciados) em cada uma, visto que nenhum discurso usado em charges é original, os silêncios presentes tanto na linguagem quanto na não verbal, assim como as várias posições que o sujeito pode desempenhar nesse gênero textual. Por meio das charges também detectamos pressupostos e subentendidos tanto nas falas, na parte escrita como na parte imagética e as diferentes formações discursivas que as constituem, nossa função como analistas não foi somente a de interpretar as charges, mas compreender como seu discurso funciona, como ela produz sentidos.

### **Análise e discussão dos dados**

Antes da análise dos dados abordados, pretendemos deixar claro que nossa posição é de sujeito-cientista da linguagem e o objetivo de nosso trabalho não é atacar nosso sistema educacional ou tomar partidos governamentais ou políticos. As vivências são momentos discursivos polêmicos, em que várias posições sujeito suscitam diferentemente, então o que almejamos é mostrar as formas do silêncio e os silenciamentos que se constroem em duas charges, com base na AD francesa. A respeito da etapa de análise, estamos em consonância com Orlandi (2020) quando ela diz que esta etapa se inicia

pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que

demanda um ir-e-vir constante em teoria, consulta ao corpus e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho. (ORLANDI, 2020, p. 64, 65)

## Análise da primeira charge

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, como já foi dito, baseado no discurso silencioso das charges, selecionamos uma charge feita pelo chargista Hugo Farias, que está situada do site do LIEPE, que é o Laboratório de Investigações, Pode e Estado, sediado da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). A figura 1 apresenta a charge citada.

Figura 1 - Educação em tempos de pandemia: ataques e resistências



Fonte: LIEPE (2020)<sup>1</sup>.

Iniciemos pela posição-sujeito, conceito caro à AD, porque participa da construção dos sentidos. Esses dois sujeitos não são os mesmos sujeitos que anuncia a charge “empírico”, mas são sujeitos estereotipados, a quem o sujeito fala. Marquemos o desenho-homem como “sujeito A” e o desenho-mulher como “sujeito B”. Observando a charge, notamos que o sujeito A, que faz a pergunta, constrói-se como estudante ou pesquisador; e o sujeito B, que

<sup>1</sup> Disponível em: [https://liepe.amandy.com.br/charges\\_liepe.php](https://liepe.amandy.com.br/charges_liepe.php).

responde à questão proferida pelo aluno, constrói-se enquanto docente ou doutora. São seus dizeres proferidos que produzem estes efeitos, estas posições sujeito ali significadas.

Como é de nosso conhecimento, o discurso vai muito além de uma simples comunicação entre interlocutores. De acordo com Pecheux (1997, p. 82), o discurso é o efeito de sentidos entre interlocutores e nele a posição sujeito é continuamente mudada. Deste modo, as posições sujeito A-aluno e B-professor, por suas enunciações, produzem a mudança de suas posições para outras: sujeitos críticos do governo, sujeitos não-governamentais. No contexto social, nas condições em que o discurso foi idealizado e que em concordância com Pêcheux e Fuchs (1997, p. 170 e 171), englobam o sujeito, a situação e o imaginário – imaginário que para Orlandi (1999, p. 30) é compreendido como o contexto sócio-histórico e ideológico. Assim, os sujeitos (discente/docente) a situação (corte de verbas) e o imaginário (imagina-se que um governo ampare o tripé acadêmico, por exemplo), constroem o efeito de sentido de “descaso” governamental.

De outra ponta, vemos pela charge uma posição-sujeito tomada pelo estudante, que claramente é interpelado pela formação ideológica e inconformado em razão da falta de investimentos do governo no tripé ensino, pesquisa e extensão. O aluno assume também a voz do povo e a de tantos estudantes inconformados com os cortes de verbas que a educação sofre, a voz do povo que pode ser pais que ficaram sem saber com os filhos tendo que estudar em casa, sem saber como ensinar aquilo que muitos não aprenderam, a voz de funcionários escolares que tiveram que transformar a aula presencial para um ensino remoto sem formações precisas, o aluno assume vozes de parcela da sociedade comprometida e/ou que pensa dessa forma. O sujeito professora/docente, mesmo silenciando seu dizer, percebemos que também foi interpelada pela ideologia, assumindo um posicionamento e ainda que fazendo uso de uma ironia, uma insinuação, vemos uma “significação escondida” em sua fala, que é a insatisfação da docente de ter se sentido “golpeada” pelo governo. A expressão “Uma rasteira tripla” deixa subentendido uma insinuação, que o “ataque traiçoeiro” do governo ocorreu nos três quesitos da educação: ensino, pesquisa e extensão.

Passemos a considerar o interdiscurso, uma noção também cara à AD para pensar a construção do sentido. Esta charge usa vários interdiscursos: a educação na pandemia, corte de verbas na educação e financiamentos educacionais, e insatisfação dos profissionais da educação com o governo, dentre outros discursos “já-existentes”. Situando essa charge em um contexto sócio-histórico, o da pandemia de 2020 a 2021, vemos que este é a situação do sistema educacional, vítima de enormes cortes. A dinâmica da interpretação é tal que, atualmente, os partícipes destes cortes e quem os lê, constroem seus sentidos sobre o governo, e sobre a pandemia. Estes mesmos sentidos, porém, serão lidos diferentemente em outros momentos históricos: no futuro, a pandemia e o governo brasileiro serão lidos de outros e por outros modos, por outros sujeitos, por outras ideologias, em outros contextos e outras situações.

Consideremos, agora, o sujeito-elaborador da charge, no contexto e situação em que a charge se dá. Compreendendo a relação dialógica, vemos que o discurso da charge foi elaborado por um enunciador (autor) inconformado com a prática negacionista educacional por parte do governo, usando a charge para expressar suas intenções, possuindo a função discursiva de produzir o texto, sendo responsável pelo que fala e como fala. Temos a construção de um sujeito-crítico.

Quando o estudante pergunta à docente: “Doutora, o que o tripé ensino, pesquisa e extensão pode esperar do atual governo?”, a referência a tripé é sobre ser um suporte com três pernas, usado para apoiar vários objetos, desde plantas até máquinas fotográficas, e com essa pergunta fica pressuposto que ele quis dizer que o que sustenta a educação é o ensino, a pesquisa e a extensão.

Uma consideração igualmente interessante é da noção de Formação Discursiva, que estabelece o que pode e deve ser dito com base na posição que o sujeito exerce na sociedade. Por ela, percebemos que o gênero textual analisado constrói um sentido de crítica social ao dizer a charge pelo modo que as charges são ditas, valendo-se da ironia, da piada, do tragicômico, por exemplo. É a formação discursiva que regula e controla o que vai ser dito e nesta charge vemos que o termo “rasteira tripla” é uma ironia, uma piada, uma forma de dizer o que não se pode dizer. Essa fala da docente também deixa

uma significação implícita, um subentendido, que nos faz deduzir que foi uma crítica ao governo.

Abordando as formas de silêncio nesta charge, podemos perceber o silêncio fundador, que é aquele presente antes que se diga qualquer coisa, o nada significante, o não dito, é o significado que já está na cena do dizer. Ou seja, antes da pergunta do estudante, já havia um significado na cena do dizer, um silêncio que significava “o atual governo não cuida das universidades como deveria”.

Na resposta da professora, “Uma rasteira tripla”, houve um dizer, foi dito algo, mas vemos claramente que houve o silêncio constitutivo, ou seja, um silenciamento, um apagamento de outros sentidos possíveis. Algo ficou implícito no seu dizer, pela ironia percebemos a intenção, a insinuação do “golpe” do governo e o descaso com as universidades. No dizer da docente foi como se, nas palavras de Orlandi (2005) procurássemos escutar o não dito naquilo que é dito, e mesmo ela apagando ou silenciando algo que não foi dito, sua fala produziu sentido.

### **Análise da segunda charge**

Passemos à análise da segunda charge que está na figura 2.

Figura 2 - Ensino a distância



Fonte: GZH (2020)<sup>2</sup>.

A charge acima analisada, elaborada por Gilmar Fraga, está no site gaúcho de notícias GZH e podemos notar nela uma forte ideologia, ou seja, uma crítica à realidade do ensino remoto, a qual orienta a forma do discurso. Podemos observar também vários interdiscursos abordados na charge, como os novos desafios que a Educação a distância tem imposto às famílias, o interdiscurso de que a criança precisa estudar, de que mulher negra mora em favela e principalmente a segregação do ensino entre ricos e pobres, fazendo com que as condições de acesso não sejam iguais para todos.

Outro interdiscurso que podemos observar é quanto à tecnologia, sobre o quanto ela mudou o mundo e revolucionou a educação, mas isso somente para as pessoas que possuem condições financeiras para ter acesso a ela, e podemos perceber que não é o caso da família mostrada na charge.

O texto da charge apresenta um discurso todo planejado pelo chargista para obter efeitos de sentido e também expressar suas opiniões, visto que ele, no ato discursivo utiliza-se de implícitos, que dependem do contexto para que quem lê busque em sua memória discursiva, em seus conhecimentos prévios, informações para que de fato entenda a charge.

Ao colocarmos nossa memória discursiva em ação, vemos que o interdiscurso usado na charge se caracteriza como produtivo, tanto social como historicamente. Podemos concluir que o discurso presente nela não é original, mas vem de outro discurso, ou seja, ela aborda a precarização da educação aos menos favorecidos que está ainda pior com o ensino remoto, visto que muitos alunos não têm acesso à internet em casa e muitas vezes nem mesmo um computador para acessar as aulas. Esse discurso não se originou nessa charge, este é um discurso já existente anteriormente que foi novamente abordado nesse gênero analisado.

Sendo o pressuposto de fácil identificação e sugerido pelo contexto da charge, pressupomos que o local de moradia dessa família se trata de uma favela, pois podemos notar várias casas construídas em um mesmo local, sem

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2020/07/gilmar-fraga-distancia-ckcpgpnpo006g014741kpfme5.html>.



muros demarcando, ausência de infraestrutura de saneamento básico, mostrado pelos canos de esgoto aparentes. Percebemos também que o local habitado pela família se trata de um lugar afastado do perímetro urbano, visto a dificuldade da criança em encontrar um sinal e também porque ela se está em um lugar mais alto e com o braço estendido, segundo a ideia de que locais mais altos são livres de interferência. A expressão “nem sinal” usada pelo garoto pode referir-se a dois contextos, porém, para que haja uma produção de sentido, o leitor terá de entender o trocadilho dito pela criança na charge.

Ao dizer “nem sinal”, ele se refere que a aula não tem nem sinal de começar, ou seja, não se sabe quando esta irá ter início e também que não há sinal de telefonia, o que podemos constatar pela posição que ele se encontra.

Outro pressuposto também é de que o aluno está tendo ensino remoto devido à suspensão das aulas por causa da pandemia. Como se trata de uma criança, pressupomos também que toda criança tem direito a educação, mas como vemos, ela não está usufruindo desse direito, visto sua falta de condições.

Com a implantação do ensino remoto, sabemos que foi ofertado aos alunos que não possuem acesso à internet nem ferramentas digitais, o material impresso para que estudem em casa. Diante disso existe a possibilidade de alguns subentendidos como a criança fora de casa buscando sinal de internet visto pela expressão corporal e os cadernos deixados pode subentender-se que ele tem a preferência pelo acesso remoto, uma vez que ele poderia usar esse material sem passar tantas dificuldades por não haver sinal do celular no local em que ele reside. O material impresso é uma forma de silenciar o ensino igualitário, pois aquele aluno que possui acesso à tecnologia aprende por diversas fontes enquanto aquele que tem acesso ao ensino impresso, tem que aprender com o material que tem e sem ter outras opções para sanar dúvidas que possam aparecer.

Em se tratando do silêncio, notemos que essa charge silencia alguns interdiscursos: como, por exemplo, “a educação é para todos”, “a tecnologia revolucionou o ensino e a educação”. Isto se trata de uma política do silêncio sobre o discurso de que “todos são iguais”, assim como “a educação é para todos”. Esses discursos foram claramente silenciados, dadas as condições do lugar em que a família da charge vive, pois podemos ver claramente que o

ensino remoto não é acessível a todas as pessoas, mesmo com o princípio constitucional (os interdiscursos silenciados) de que “todos são iguais perante a lei” e de que “a educação é um direito de todos”, porém o humor revela esse silenciamento na charge em forma de opressão. A charge, por tais silenciamentos desses interdiscursos, produz um sentido ao nos mostrar que a realidade é outra.

O direito à educação, à aula que a criança deveria assistir, foi silenciado, politicamente, pelo discurso da pobreza e pelo discurso da falta de condições de acesso à internet em casa e por discursos sobre a internet enquanto ferramenta digital eficiente para o acesso à aula. O contraste entre discursos das classes com acesso (silenciados) e classes sem acesso à internet (explicitados) imbricam em um efeito de sentido de crítica, onde, educação não é para todos.

O não-dito, ou seja, o que está implícito nesse gênero textual em análise, só poderá ser compreendido através do contexto, que ao ser entendido, revelado, funciona como complementação do dito, que está explícito na charge.

Abordaremos agora a noção de sujeito presente na charge, mas não o sujeito da gramática, que só realiza uma ação, nem o sujeito empírico que é somente o indivíduo presente no mundo físico, mas o sujeito da Análise do Discurso, o sujeito que é interpelado pela ideologia, podendo tomar várias posições. Reparemos que na charge em análise há várias posições sujeito como, por exemplo, o sujeito governante, pois quando a vemos, criamos o efeito de sentido que o governo não fornece uma educação igualitária para todos, nem proporciona melhores condições de vida aos menos favorecidos.

Outros efeitos de sentido de sujeito que temos com a charge é o sujeito ativista, o militante que denuncia o descaso com os pobres, o sujeito mulher negra, com todo seu histórico interdiscursivo de escravidão, exploração e o sujeito criança, que é pobre e sem condições de uma educação de qualidade. Pelo interdiscurso também abordado na charge e a tentativa da criança em acessar a aula pelo celular, percebemos também outro sujeito criança, mas uma criança rica (a qual a criança da charge tenta se equiparar), que possui todas as condições para obter uma educação de qualidade, um bom celular, um computador eficiente e acesso à internet em casa. Nós também nos

tornamos sujeito ao lermos esta charge, porque claramente somos interpelados, tomados pela ideologia, assumimos um posicionamento e saímos em defesa da família pobre (caso nossa ideologia assim nos agenciar), da criança que não pode estudar por falta de investimentos do governo na educação.

As duas charges são tais que a crítica joga com o silêncio, em uma dinâmica de mostrar prejuízos ao silenciar deveres.

## **Considerações Finais**

Por meio deste trabalho, concluímos que ao elaborar uma charge, o chargista produz um discurso de outro discurso e por ser um gênero textual heterogêneo, a charge é planejada e influenciada por várias formações discursivas e também ideológicas como, por exemplo, o discurso jornalístico e também o discurso político.

Mesmo apresentando linguagem verbal e não verbal, a charge apresenta um discurso silencioso, mais ainda assim produtor de sentido, pois há sentidos que só são construídos pelo silêncio, pelo não dito e não somente por palavras, sendo assim, não devemos pensar o silêncio como falta, como incompletude e sim pensar as palavras como excesso.

Pensar o discurso da charge como silencioso é permitir a possibilidade para produzir muitos outros sentidos além dos já estabelecidos pelo discurso apresentado nesse gênero textual. Por meio das análises que fizemos, concluímos que a charge, mesmo com todos seus silêncios, não apresenta censura, pois seu humor, ironia e muitas vezes até sarcasmo são formas de “aliviar” essa censura por meio de implícitos, subentendidos e silêncios. Ela critica e satiriza seja um sistema educacional precário, uma personalidade política ou um acontecimento recente, dado seu caráter efêmero.

Com a realização das análises, nos certificamos que os efeitos de sentidos das charges são construídos de forma contínua, pois eles não se encontram certos na exterioridade do discurso. Os efeitos de sentido são construídos com base no contexto histórico, língua e memória discursiva.

Analisando o percurso de nossa pesquisa sobre o silêncio e o implícito no discurso da charge, compreendemos ter alcançado nosso objetivo principal,

confirmamos que a interpretação do que está retratado na imagem vai muito além do dito/não-dito dentro do contexto sócio-histórico ideológico no qual se insere. A teoria da qual nos apropriamos para realização desse estudo e os conceitos basilares da AD foram de suma importância para alcançarmos o objetivo proposto. Para tanto, nossa pesquisa não se esgota nas questões abordadas pela AD, nem tampouco as reflexões ligadas ao silêncio contido nas charges, mas acreditamos ter contribuído para estudos futuros.

Observa-se a importância e a necessidade de um novo “olhar” sobre a charge, o silêncio que a compõe e que neste gênero muitas vezes vale mais o não dito que o dito para a construção de sentido.

Portanto, conclui-se que seria de suma importância a inclusão do estudo do silêncio e do implícito por meio das charges, proporcionando aos alunos uma interpretação menos mecanizada que pode “silenciar” seu desenvolvimento e aprendizagem, não permitindo a eles construir novos sentidos e significados.

## Referências

BERTO, Jane Cristina Beltramini. **A charge e a formação do leitor**: uma proposta discursiva para o ensino de língua materna. 1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso, mar. 2008. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/A%20CHARGE%20E%20A%20FORMA%20C7%20DO%20LEITOR%20berto.pdf>. Acesso em 21 maio 2021.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti; ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti. **Discurso e Ideologia**: Reflexões no campo do Marxismo Cultural. Maringá, v. 32, n. 1 p. 1-8, 2010. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/6958/6958/>. Acesso em 21 maio 2021.

FERRAZ, Mônica Mano Trindade. Ensinando com textos de humor: sugestões de leitura do gênero charge. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). **A didatização de gêneros no contexto de formação continuada em EaD**. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. (p. 95-124).

FLORES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas-RS: Editora da ULBRA, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

FERREIRA, Maria C. Leandro. **Da ambiguidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 20-36.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PAIVA, Miguel et al. **O humor e os diferentes tipos de texto**. Anais da IV Jornada de Literatura, Universidade de Passo Fundo (RS), 1991.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v. 2, 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2012 (p.113-165).

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13. Ed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SANTOS, Iago Moura Melo; BECK, Maurício. **Vestígios do silêncio**.

Disponível em:

[https://www.labeurb.unicamp.br/rua/paginasartigo/viewpagina?numeroPagina=1&artigo\\_id=141](https://www.labeurb.unicamp.br/rua/paginasartigo/viewpagina?numeroPagina=1&artigo_id=141). Acesso em: 18 maio 2021.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

Doutor Júlio Cesar Machado. UFLA (UEMG)